www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 04. Antropologia Biológica e interfaces biologia e cultura: história, pesquisas atuais e perspectivas futuras

Coordenador(es):
Verlan Valle Gaspar Neto (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)
Pedro Jose Tótora da Glória (Universidade Federal do Pará)

A história da Antropologia Biológica remonta, pelo menos, ao século XIX, tanto nos chamados centros irradiadores (EUA e Europa) quanto em outros países, inclusive no Brasil. Das primeiras investigações até os dias atuais, a Bioantropologia brasileira tem se apresentado multifacetada, com uma profusão de estudos com reconhecida inserção na comunidade antropológica internacional. Não obstante, praticamente inexistem hoje, no Brasil, espaços de discussão que abordem as interfaces entre Biologia e as ciências humanas, incluindo em um mesmo fórum pesquisas realizadas em Etnobiologia, Antropologia Ecológica, evolução biocultural, Antropologia Forense, Bioarqueologia, Antropologia Genética, Socioecologia da Saúde, Primatologia, entre outros campos correlatos. Inspirada em iniciativas como o simpósio “Reintegrating Anthropology” (Portugal, 2016), organizado pela Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, e o livro editado por Tim Ingold e Gisli Palsson, Biosocial Becomings: Integrating Social and Biological Anthropology (2013), a proposta deste GT é abrir espaço a investigações de natureza teórica, experiências em trabalho de campo, bem como relatos de iniciativas institucionais, que contemplem os aspectos históricos, os múltiplos temas atuais, as perspectivas futuras e, sobretudo, as possibilidades de diálogo entre Biologia e Antropologia no e a partir do Brasil.

Conjunturas em antropologia biológica que contribuem para o desenvolvimento de estudos em antropologia da saúde: biocomplexidade e perspectiva biocultural

Autoria: Karla Pamela Reveles Martínez (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Cada pessoa de qualquer sociedade está ligada a certa noção de saúde, doença, terapias e tratamentos, e o pessoal que a trata. Desde o século XIX na Europa, iniciou-se o estudo desse tipo de conhecimento no campo da saúde. Aqueles que começaram a conduzir esses estudos deram origem ao que foi chamado de Antropologia Médica e, posteriormente, Antropologia da Saúde. Um esforço recente nesse campo é a abertura do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e uma das áreas de pesquisa do PPGA-UFPA é a Bioantropologia, cuja linha de pesquisa é a Socioecologia da saúde e a doença. Como a abordagem socioecológica contribui para estudos de saúde e doença? E como foram desenvolvidas as metodologias que incluem esses eixos de estudo? Para tentar abordar essas questões, nesta apresentação pretende-se falar de duas abordagens teóricas e metodológicas, a abordagem biocultural e a biocomplexidade, que são o produto do difícil caminho que levou à reconciliação das abordagens biológicas com as culturais em Antropologia biológica. O objetivo é mostrar alguns eventos que contribuíram para moldar a noção de biocultura através do diálogo entre Antropologia e Ecologia. Posteriormente, serão mencionadas umas críticas que Ingold e a construção de nicho humano fizeram ao programa neo-darwiniano, e como isso é uma fonte que contribuiu para a noção de biocomplexidade. Por fim, será feita uma síntese com os aspectos mais relevantes e compatíveis entre os termos biocultura e biocomplexidade e como eles contribuem para os estudos em saúde em antropologia.

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**